

**A**o surgir nas bancas em 1959, com o nome de *Jornal do Dia*, O ESTADO DO MARANHÃO encontrou a imprensa de São Luís numa fase em que as linotipos, com chumbo quente, confeccionavam as manchetes do dia seguinte. O nariz-de-cera dava o tom do noticiário produzido nas redações e as folhas da província se viam às voltas com repórteres boêmios que, antes de sentar à máquina, tinham de passar no boteco da esquina para redigir suas notícias, num estilo prolixo e rebuscado.

Fundado pelo empresário Alberto Aboud, o *Jornal do Dia* experimentou a fase romântica em que repórteres e redatores, sem canudo, faziam das redações uma escola e, mais do que isso, enchiam suas páginas com a ternura das crônicas e das notícias inflamadas, que marcaram o jornalismo militante. O processo artesanal de feitura das edições, com as técnicas de então, permitia que os cronistas se dedicassem à imprensa sem a correria dos dias de hoje e até mesmo despreocupados com o salário que receberiam ao fim do mês. Nas oficinas, imprimiam-se os exemplares pelo antigo sistema de impressão a quente com placas de chumbo.

E foi assim até o ano de 1973, quando o *Jornal do Dia*, capitaneado por Bandeira Tribuzi e José Sarney, passou a chamar-se O ESTADO DO MARANHÃO. Com a mudança, o jornal lançou as bases para um grande salto e experimentou sua primeira reforma gráfica e editorial. As oficinas ganharam máquinas impressoras off-set e um sistema de fotocomposição. À sombra das inovações, as antigas linotipos tornaram-se um anacronismo, condenado aos porões. E as paixões que freqüentavam a velha Redação cederam lugar à precisão e à objetividade.

Reformulado para materializar o ideal de Tribuzi e Sarney, O ESTADO rasgou fronteiras e ampliou horizontes, no propósito de criar laços mais fortes com o leitor. Em sua trajetória rumo ao futuro, de cara nova, incorporou tecnologias e adotou inovações que, pouco a pouco, mudaram, entre nós, a face do jornalismo impresso. Vieram, com a reviravolta gráfica e editorial, a telefoto, o telex, a policromia.

Mais ágil à medida que foi crescendo, O ESTADO aprendeu a diversificar seu espaço e aproveitar melhor cada momento da notícia. Nasceram, assim, o caderno *Alternativo* e a coluna *Estado Maior*. Brotaram as charges de Cabral, a página de Opinião e a coluna *O que diz o leitor*. E surgiram, também, as editoriais, em substituição às páginas confusas e dispersas.

O ESTADO passou à era da informática em 1987, quando os computadores chegaram ao setor de composição. Com isso, o tempo entre o fechamento do jornal e o início da impressão reduziu-se já que o novo sistema proporcionou uma agilidade que o sistema antigo nunca teria. Os ares de renovação chegaram também à re-

visão, que teve de se modificar para adaptar-se ao computador. Hoje, com a informática, os revisores examinam e corrigem os erros de digitação e enviam a cópia corrigida para o digitador. Este, por sua vez, chama o texto ao terminal de vídeo e faz as correções de acordo com as indicações do revisor.

O off-set, mais rápido e econômico, aliado à informatização da composição, permitiu novo alento ao jornal. De modo que nesta sua edição comemorativa, O ESTADO vislumbra o futuro. Mas se permite também uma breve incursão no passado para que possam sobressair, à luz da verdade histórica, a luta e a contribuição de nomes como os de Bandeira Tribuzi e Viégas Netto, dentre tantos outros. Porque mesmo sem ser uma escola nos moldes tradicionais, o jornal, ao longo de sua história, cultivou a seu modo a formação de recursos humanos, que logo se projetaram tanto na imprensa quanto na literatura do Maranhão.

Poeta e jornalista, Bandeira Tribuzi, nome literário de José Tribuzi Pinheiro Gomes, se juntou ao também poeta e jornalista José Sarney na missão de transformar este jornal numa trincheira em favor das causas maranhenses. Eles sonharam com esta bandeira de luta, e souberam dar-lhe forma concreta, consistência e meios para enfrentar obstáculos e vencê-los com a determinação dos que têm a certeza da vitória na razão direta das causas que defendem.

Há 13 anos, a morte de Bandeira Tribuzi deixou uma lacuna na Redação de O ESTADO. Poeta maior de São Luís, Tribuzi corrou, com seu nome e seu talento, os alicerces em que se assentaram este jornal. Ele, que mais e melhor cantou São Luís, não assistiu às transformações a que se submeteram este jornal e, sobretudo, a sua cidade, hoje mergulhada em problemas.

Desde a ausência de Tribuzi, enormes foram as transformações tanto na feição gráfica e editorial de O ESTADO quanto no perfil urbano da cidade. O jornal modernizou a parafernália de sua oficina e São Luís duplicou em tamanho e população, cresceu em direção às praias graças às pontes, cobriu de casas e de ruas a orla marítima, mas também teve de suportar a rápida multiplicação das favelas e palafitas e a incontida proliferação de mendigos, trombadinhas e camelôs.

Por um desígnio do destino, Tribuzi morreu em 1977, aos 50 anos, na data do aniversário da cidade (8 de setembro). Também por imposição das circunstâncias, em setembro do ano passado, abriu-se nova lacuna quando O ESTADO DO MARANHÃO viu-se repentinamente desfalcado de um outro inegável talento: o jornalista e escritor Viégas Netto. Ele morreu aos 72 anos, num momento em que a Redação preparava os originais para a edição de comemoração do aniversário da cidade e da morte de Tribuzi.

Dois anos antes de morrer,